

COMO O AMBIENTE CONTEXTUALIZADO CONTRIBUI NA FORMAÇÃO DOS LEITORES E ESCRITORES INICIANTES?

Alessandra Pellichero Fujie¹

Priscila Cavallieri Leka²

Vilma Batista Patrício Sampaio³

Resumo

O presente trabalho destaca a importância da organização da sala de aula como uma oportunidade de promover situações reais de leitura e escrita com crianças de 7 e 8 anos, nas séries iniciais do ensino fundamental. Os objetivos são criar uma cultura de ambientes contextualizados, pensando na disposição dos elementos no espaço que instigue a elaboração de registros escritos diversificados e de autoria, e potencializar a tomada de decisão dos estudantes frente aos desafios, tornando-os protagonistas do processo de construção de conhecimento. Os estudos de Vickery (2016) enfatizam que o espaço deve estabelecer diálogos cotidianos, permitindo às crianças uma experiência única e pessoal, indispensável para aprendizagem significativa da leitura e da escrita. Para melhor análise das interferências feitas no ambiente e suas repercussões nos avanços dos alunos, foram utilizados recursos metodológicos de observações e registros para refletir sobre as possibilidades de composição dos materiais na sala, permeados pelo objetivo da série/ano e, conseqüentemente, o replanejamento das intenções. Os contextos investigativos contribuíram para o engajamento dos educandos nas situações de produção textual, ampliando os procedimentos de leitura, permitindo-os fazer conexões e inter-relações, a partir das próprias teorias provisórias. Nestas situações didáticas, as crianças foram problematizadoras, uma vez que formularam perguntas, pesquisaram, questionaram, buscaram alternativas e estratégias de resolução, num processo ativo que favoreceu a formação de leitores e escritores potentes. A cada novo ambiente proposto intencionalmente, os alunos trouxeram ao grupo novas indagações que surgiram sobre a forma de pensar a escrita, na busca de ajustes necessários para garantir a qualidade nas produções textuais.

Palavras-chaves: ambiente contextualizado; procedimentos de leitura; produção textual.

Tecendo conhecimentos...

“O ambiente é um sistema vivo, em transformação. Mais do que espaço físico, inclui o modo como o tempo é estruturado e os

¹ Pós-graduação em Práticas de Escrita e Leitura no ensino fundamental, PUC-SP, alessandrafujie@colégioemilie.com.br

² Pós-graduação em inclusão escolar e transtornos do neurodesenvolvimento autismo, UTFPR, pryscilaleka@colégioemilie.com.br

³ Graduação em Pedagogia, UNIP, Professoras do Ensino do 2º ano do ensino fundamental, Colégio Emilie de Villeneuve, vilmasampaio@colégioemilie.com.br

papéis que devemos exercer, condicionando o modo como nos sentimos, pensamos e nos comportamos, onde as descobertas e saberes circulam.” (GREENMAN, 1988, p. 5).

Ao refletir sobre as ações potentes planejadas para o avanço da aprendizagem, é sabido que a interação entre as crianças e os ambientes, favorecidos com intencionalidade do professor, possibilita-as a aprender a regular os processos cognitivos, investigando e trocando ideias, reformulando hipóteses ou refutando-as. Nessa interação, a exploração e a aprendizagem explodem, uma vez que os espaços estão carregados de mensagens e estímulos, provocando experiências interativas e aprendizagem construtiva.

Do ponto de vista acadêmico, pesquisas mostram que o espaço escolar, não apenas vinculado à sala de aula, interfere diretamente no aprendizado das crianças. Nas palavras de Malaguzzi (1984),

[...] valorizamos o espaço devido a seu poder de organizar, de promover relacionamentos agradáveis entre as pessoas, [...] de criar ambientes atraentes, de oferecer mudanças, de promover escolhas e atividades e do seu potencial para iniciar toda espécie de aprendizagem social, cognitiva e afetiva.

Considera-se o terceiro educador, então, o espaço, definido pela organização dos objetos que agucem a curiosidade e investigação, bem como o que está em exposição no ambiente escolhido para ser contextualizado, de modo a desenvolver a independência, que provoca o pensamento crítico e oferece oportunidades de descobertas, tentativas, replanejamento de ações e a busca de novos caminhos para solucionar os desafios propostos. É um ir e vir constante.

O olhar para estes espaços do aprender, por outra perspectiva, faz com que repensemos as dinâmicas da sala de aula e dos ambientes educativos, de maneira a romper com uma importante referência educacional. Assim, este paradigma renovado para o uso dos ambientes, com contextualizações e contribuições dos próprios alunos, é um aliado que propicia um processo significativo e criativo, embora devam ser flexíveis, passando por alterações e modificações, de maneira a atender às intenções do professor e a garantir o protagonismo do aluno na construção do conhecimento.

Faz-se necessário produzir referências mais integrais, que trabalhem a razão em sintonia com a emoção. Os diferentes ambientes devem constituir-se como espaços reais de

experimentações e descobertas, em que as crianças participam ativamente na construção de um conhecimento compartilhado. O professor tem como ponto de partida considerar as necessidades/interesses dos alunos, de forma a assegurar o desenvolvimento de habilidades, por meio de aprendizagens significativas e eficientes.

Então, como podemos garantir um aprendizado de qualidade frente a todas essas mudanças? O que o ambiente escolar tem a ver com toda esta discussão? Como este pode contribuir para a formação dos leitores e escritores potentes?

Para este trabalho, elegeu-se as seguintes metas:

- Possibilitar intervenções personalizadas e experiências bem-sucedidas de aprendizagem diante da diversidade de hipóteses, ideias, ritmos de aprender e das características/necessidades individuais dos alunos.
- Criar uma cultura de ambientes contextualizados.
- Potencializar a tomada de decisão dos estudantes.
- Ampliar estratégias de leitor e escritor, aprimorando os registros nas diferentes situações comunicativas, bem como textos bem escritos.

As tramas e tessituras dos ambientes contextualizados

“Distrair-se, encantar-se, bisbilhotar, meditar, pensar, refletir, abstrair... sem pressa: pouco a pouco, lentamente, gradualmente, ... é o tempo que serve (...) para desenvolver o próprio pensamento e transformá-los em inovações, ideias e saberes.” (FRANCESCH, 2011, p. 136).

A criança é, alternadamente, ator e objeto de uma mesma ação. Por meio desses jogos de alternância, ela pode aprender a tomar posição nos intercâmbios grupais e conhecer a si e ao outro, de maneira a serem suportes para que evoluam de forma solidária e interdependente. Tendo isso em vista, nas abordagens às quais esta pesquisa se refere, o estudante é o personagem principal que atua nos ambientes contextualizados, desenvolvendo mais autonomia em relação a sua própria aprendizagem, o que se pode observar no trabalho proposto ao longo do ano letivo de 2022, com as turmas do 2º ano do ensino fundamental I, do Colégio Emilie de Villeneuve.

Entende-se que, para o aluno do 2.º ano, há necessidade de um movimento individual pela busca do saber. Para estimular a criatividade, deixa-se pela sala pequenas porções

de tudo que se é necessário para despertar a criatividade, como: fita métrica, diferentes régua, colas, tesoura, giz de cera, lápis e papéis de diferentes tamanhos e cores. Nas bancadas e prateleiras, livros de textos bem escritos e algumas provocações, como a *Fábrica de ideias*, em que os educandos deveriam usar o repertório do conhecimento literário para a pergunta: todo conto termina com “felizes para sempre”?

Pensando nisso, os aprendentes investigaram gêneros literários por meio de percursos investigativos projetados em cada turma. Exploraram os contextos de aprendizagem em diferentes linguagens: verbal, musical, corporal, artes visuais e dramatização.

Num contexto com a intencionalidade de análise das narrativas não convencionais, foi possível perceber que a ação fluida da escrita se dava pelo encantamento dessa vivência, uma vez que o convite para os alunos transformarem as narrativas ouvidas em produções textuais havia sentido. Sucedia-se o prazer por narrar, sem a preocupação com as convenções.

Evidentemente, as convenções para um texto bem escrito foram dialogadas com as crianças, no momento que as planificações (roteiros) do que se escreveria e como tornaria o texto legível eram realizadas em sala de aula, além das análises das produções lidas em parcerias ou individualmente.

Nessa perspectiva, o papel do educador se modifica. Ele deve observar atentamente cada criança, descentralizar as ações que pratica, registrar as percepções e refletir sobre as necessidades dos alunos para repensar as próximas provocações, permeadas pelo objetivo da série/ano, (re)construindo ações por meio de reflexões do fazer pedagógico.

Entrelaçamento entre o ensinar e o aprender

“Um ambiente que ofereça a curiosidade, a criatividade e o pensamento crítico das crianças é um ambiente que oportuniza o aprender por meio de exploração, questionamento e conjecturam (...) que incentiva a independência e a resiliência das crianças, apoiadas para investigar, cometer erro, aprimorar abordagens e ideias e, fundamentalmente, que os prepare para a vida.”
(VICKERY, 2016, p. 43-44).

Nesta intervenção pedagógica, constatou-se que a projeção dos ambientes contextualizados e dos percursos investigativos, principalmente sobre narrativas, são estratégias que têm possibilitado conquistas na aprendizagem, além de colaborarem na

formação dos alunos, proficientes no uso da língua. Os estudantes estavam engajados nas propostas de produção textual, o que permitiu o aprimoramento dos procedimentos de leitura, possibilitando-os fazer conexões e inter-relações a partir das próprias teorias provisórias. Nestas vivências, as crianças formularam perguntas, pesquisaram, questionaram, buscaram alternativas e estratégias de resolução, num processo ativo que favoreceu a formação de leitores e escritores potentes.

Ao final do ano, a maioria conseguiu escrever relatos, com algumas marcas pessoais, e fazer registros das descobertas com mais intencionalidade, uma vez que a produção fez sentido, preocupando-se com a segmentação e ortografia correta de palavras. Ademais, foi capaz de ler textos compartilhados e colaborativos, com mais ritmo, entonação, respeitando as pontuações e realizando interpretações.

Estas situações desafiadoras também favoreceram as relações interpessoais. Os alunos do 2º ano tiveram a possibilidade de explicitar as escolhas e hipóteses, ampliando o poder de argumentação, uma vez que precisavam defender as próprias ideias. Esta convivência, por sua vez, entrelaçou-se entre o ensinar e o aprender, de maneira a garantir a qualidade e a profundidade da aprendizagem desejada: significativa e transformadora.

Referências

COLÉGIO EMILIE DE VILLENEUVE. *Projeto Educativo*, São Paulo, 2017 – 2021.

EDWARDS, Carolyn; FORMAN, George, GANDINI, Lella. *As cem linguagens da criança: a abordagem de Régio Emilia na educação da primeira infância*, Porto Alegre: Penso, 2016.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*, São Paulo: Artmed, 1999.

GARIBOLDI, Antonio, GILIOLI, Cristina; MARTINI, Daniela; MUSSINI, Ilaria; RUSTICHELLI, Francesca. *Educar é a busca de sentido*, São Paulo: Ateliê Carambola, 2020.

VICKERY, Anitra. *Aprendizagem ativa nos anos iniciais do Ensino Fundamental*, Porto Alegre: Penso, 2016.